AS AULAS DE ESPANHOL LÍNGUA ESTRANGEIRA (E/LE) CONTRIBUINDO NA CONSTRUÇÃO E/OU RECONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES: UM ESTUDO DE CASO.

Ana Nelcinda Garcia Vieira (PPGL/UFSM)
Vera Lúcia Pires (orientadora)

Este trabalho pretende relatar uma pesquisa realizada com uma aluna catadora de lixo na cidade de Santa Maria. O objetivo deste trabalho foi acompanhar o processo de (re)construção de identidade através das aulas de E/LE. Estas aulas foram ministradas na Casa de Cultura, nos anos de 2005 e 2006. A metodologia utilizada foi o estudo de caso. Caracteriza-se como um estudo de caso porque se centra na observação e análise do desenvolvimento de uma aluna em especial, que pode, no entanto, apontar para características que marcam o contexto social urbano brasileiro, no qual ele se desenvolve. Os resultados indicam que o professor de línguas pode interferir na (re)construção identitária de seus alunos, utilizando recursos comuns as aulas de línguas como textos, músicas, teatro, entre outros.
Palavras-chave: aulas de E/LE, identidade, contexto social.

1. Introdução

É sabido por todos as grandes injustiças sociais que ocorrem no Brasil que, enquanto uma pequena parcela da sociedade desfruta de boas condições de vida, existe paralelamente, uma grande parte da população enfrentando a fome, o desemprego, a falta de moradia, de saneamento básico, de condições para estudar e de acesso à saúde, enfim de condições dignas para viver.

A globalização, a implementação do projeto neoliberal, a falta de políticas públicas que atendam aos reais interesses da população, e o desinteresse das autoridades pelas classes menos favorecidas culminaram em uma sociedade excludente que nega a cidadania a uma parte de seu povo. Dentre os vários autores que tratam do tema, destacamos a concepção de cidadania apresentada por Boneti:

> Cidadão é aquele que tem participação na sociedade, participação na produção, o acesso igualitário no atendimento aos serviços sociais básicos, como é o caso da educação, da saúde, da segurança etc. Cidadão é aquele que, mesmo diferente do ponto de vista cultural, físico, religioso ou de habilidades profissionais tem participação na produção em todos os serviços básicos já relacionados (BONETI, 2000:34):

A responsabilidade pelo desenvolvimento das políticas públicas, outro fator determinante da desigualdade social, é cada vez mais transferido pelo governo à sociedade civil, exigindo, desta forma, que a sociedade se organize na administração e fiscalização dos recursos financeiros para que se diminua a distância entre as políticas públicas e a exclusão social. Segundo Boneti (2000 p.15), "é possível entender como políticas públicas a ação que nasce do contexto social, mas que passa pela esfera estatal como decisão de intervenção pública numa realidade,quer seja ela econômica ou social"

Considera-se ainda que o administrador público deve ter como princípio norteador das políticas governamentais, possibilitar de todas as formas que a cidade reflita a identidade de seus moradores e que estes possam construir e ou reconstruir suas identidades para que possam efetivamente praticar a cidadania. O desenvolvimento de uma sociedade exige políticas públicas urbanas que atinjam todos os cidadãos da comunidade e os integrem à vida da cidade. Valorizar o patrimônio cultural de seus habitantes é um dos fatores importantes que contribuem para o desenvolvimento de uma cidade e de sua região.

A cidade de Santa Maria está localizada na região central do Estado do Rio Grande do Sul, possui uma população, segundo censo IBGE de 2000, de 243.396 mil habitantes, sendo que a maioria dela se concentra na área urbana. Assim como em todos os médios centros urbanos, a cidade vive a problemática do desemprego, razão pela qual faz crescer cada vez mais o trabalho informal e o número de pessoas que vivem à margem da sociedade.

Daí a necessidade da implementação de projetos e ações que possibilitem aos atores sociais, que se encontram excluídos ou em via de exclusão social, o resgate da cidadania e a (re)construção de identidades.

Nesse sentido, a Prefeitura Municipal de Santa Maria através da Secretaria de Cultura, mais especificamente a Casa de Cultura, colocou em prática um projeto que tem como objetivo acolher os catadores de lixo sólido proporcionando-lhes a participação em atividades de cunho cultural e, posteriormente, de agregação de renda.

O presente texto tem como finalidade relatar a experiência vivida, nesse projeto, como professora de espanhol, a qual resultou em um estudo de caso com uma das alunas catadoras.

As atividades desenvolvidas por este projeto até o momento em que esta pesquisa foi realizada eram basicamente: oficina de espanhol língua estrangeira, grupo de coral, bloco carnavalesco, oficina de teatro, reciclagem de papel e, artesanato.

O objetivo das aulas de espanhol língua estrangeira (E/LE) para catadores foi, além da sensibilização para este idioma, buscar mais especificamente proporcionar ao aluno catador a

(re)construção de identidades. Para tanto, foram utilizados recursos comuns às aulas de língua, como**:** textos, encenação, recursos lúdicos, etc.

2. Metodologia

Esta pesquisa começou a ser desenvolvida no primeiro semestre de 2005 na Casa de Cultura de Santa Maria, com um grupo de catadores de lixo reciclável. Mais especificamente nos períodos de abril a dezembro de 2005, retornando em março de 2006 até junho desse mesmo ano.

O curso de E/LE contava com 12 alunos em abril do ano de 2005, porém apenas 3 persistiram até dezembro do mesmo ano. No ano de 2006, além dos alunos regulares, mais quatro alunos passaram a freqüentar as aulas de espanhol perfazendo um total de 7 alunos.

O tipo de pesquisa escolhida foi o estudo de caso, nesse sentido, esse tipo de investigação "não é uma técnica específica. É um meio para organizar dados sociais preservando o caráter unitário do objeto social estudado" (GOODE & HATT, 1969, p. 422).

Para Yin (2001 apud Roratto, 2005, p.8): esse modelo de pesquisa é apropriado quando se trata de "acontecimentos contemporâneos, mas quando não se pode manipular comportamentos relevantes". Para o estudo de caso é de grande importância a compreensão do fenômeno a ser estudado, levando-se em consideração o "contexto no qual ele naturalmente ocorre" (Bonoma ,1985 apud Roratto, 2005, p.9).

Para Roratto (2005), com relação ao estudo de caso:

> O estudo de caso se caracteriza ainda segundo Yin (2001) pela capacidade de se trabalhar com um conjunto amplo de evidências, como documentos, entrevistas, observações, sendo considerado por Goode (1969) como um instrumento de pesquisa qualitativa ou, na visão de Bonoma (1985), como um recurso pedagógico ou uma maneira de gerar estímulos exploratórios (RORATTO, 2005, p.8).

Diante do exposto, este trabalho se justifica como um estudo de caso, por ser de extrema importância o contexto social urbano brasileiro, no qual ele se desenvolve, e, ainda, por tratar-se de um problema de cunho social e econômico típico da atualidade. Acrescente-se a isso, o fato de se ter utilizado para o fornecimento de dados, vários elementos, como: questionário, anotações do desenvolvimento das aulas e das conversas informais e ainda entrevistas.Todos estes dados foram colhidos com os envolvidos na pesquisa, a saber: as alunas, a agente de cultura da prefeitura, e a irmã da aluna estudo de caso.

2.1 Aluna estudo de caso:

A aluna-sujeito de nosso estudo de caso será chamada pelo nome fictício de Rosaura, para que tenha sua identidade preservada. Escolheu-se o estudo de caso da aluna Rosaura por uma motivação pessoal, por esta compartilhar de alguns problemas com a maioria das mulheres da nossa sociedade: a sobrecarga de atividades em função das responsabilidades que assumem no cotidiano e os diversos tipos de preconceito a que as mulheres são submetidas.

Com relação à vida de Rosaura, trata-se de uma mulher com 39 anos, negra, que não concluiu o ensino fundamental, e havia parado de estudar quando criança. Ela tem seis filhos, mora em uma área de invasão em uma vila da cidade, trabalha desde menina, no passado foi empregada doméstica, mas depois que teve os filhos, por não ter com quem deixá-los, começou a trabalhar como catadora. Trabalha o dia todo, puxando uma carroça na qual coloca os materiais recicláveis que são catados nas lixeiras da cidade, neste mesmo espaço em que coloca o lixo, coloca também seus filhos menores. O resultado da coleta é vendido ao atravessador, que por sua vez venderá para a indústria.

Rosaura tem um companheiro, que não é o pai de todas as suas crianças, porém ela deixa muito claro que os filhos são muito importantes, que não tolera nenhum tipo de convivência que possa ser prejudicial a eles. Pode-se inferir neste caso, através das conversas que tivemos, que ela é a cabeça do casal, não só no que tange ao sustento da casa, como também nas decisões a serem tomadas em relação a vida da família.

Além disso, freqüentou às aulas de espanhol língua estrangeira, sempre acompanhada de seu filho, um bebê de colo, e eventualmente pela filha de doze anos. Percebeu-se em Rosaura uma maior competência no enfrentamento em relação às adversidades, inclusive no que tange ao esforço para freqüentar às aulas, pois a aluna além de vir de um bairro afastado do centro da cidade, fazia o percurso a pé, como os demais alunos, sob qualquer tempo, aliado, ainda, a um agravante, carregava sempre seu filho caçula de sete meses nos braços. Convém salientar o fato de que Rosaura teve 100% de assiduidade nas aulas de língua estrangeira espanhol, apesar de todos os problemas que enfrenta no seu cotidiano.

2.2 As aulas de espanhol

Como o curso de espanhol para catadores nasceu em virtude de uma necessidade de comunicação percebida pelos próprios alunos, a professora inicialmente teve interesse em saber quais eram suas expectativas com relação às aulas.

Percebeu-se que havia um maior interesse por trabalhar a oralidade, optou-se então por enfatizar o desenvolvimento das atividades comunicativas, relegando-se o ensino de gramática a um segundo plano. Desta forma, as aulas procuraram atender as reais necessidades dos alunos.

O ensino de língua espanhola concentrou-se mais no desenvolvimento das habilidades orais, escritas e de audição, isto ocorreu também em função do grau de escolaridade dos alunos alfabetizados ser muito baixo.

Uma das estratégias de motivação utilizada no referido curso foi a eleição do tema da aula seguinte. Após a elaboração de um programa, a professora, sugeria três temas que poderiam ser trabalhados na próxima semana, e os alunos escolhiam aquele que julgavam ser mais interessante (exemplo: a família, como fazer compras, como pedir informações).

A partir do tema escolhido a professora dava preferência a textos atuais que pudessem acrescentar novas informações, que oportunizassem a reflexão e a discussão em sala de aula. Além disso, buscava-se oportunizar aos alunos conhecer um pouco da cultura dos paises que têm o espanhol como idioma oficial.

Estes textos eram trazidos com o objetivo de estimular a discussão, e para que os alunos trouxessem para sala de aula experiências de vida, para que contassem histórias suas ou de pessoas que eles conheciam. Estimulando assim, uma maior interação do grupo e a troca de experiências.

Embora os alunos desenvolvessem as atividades de leitura dos textos em língua espanhola, as discussões se davam em língua materna, porque suas habilidades não haviam alcançado tal estágio de amadurecimento lingüístico. Além de se trabalhar com textos, também eram desenvolvidas atividades orais através da encenação de textos e diálogos e atividades de conversação que partiam de uma proposta de trabalho de interação professora-aluno e do aluno com seus pares.

Para tanto, se utilizaram recursos como textos, músicas, jogos, encenações, entre outros, que propiciaram discussões, debates, trocas de experiências, que são elementos favoráveis na construção de significados e conseqüentemente na construção de identidades. Nas primeiras aulas os alunos, eram mais calados, exigindo da professora um maior esforço no sentido de

que eles participassem das discussões, no entanto, com o passar do tempo os alunos foram sentindo-se muito à vontade no desenvolvimento das atividades.

Como exemplo podemos citar o trabalho com o texto "Del casamiento a la jubilación: asunción de diferentes roles según pasan los años" (Muy interesante.oct,1998,nº156 apud Alves, Mello, p.138), em que, após a leitura oral e do entendimento do vocabulário desconhecido, a professora proporcionou a seus alunos um ambiente favorável para a discussão dos vários papéis que a mulher desempenha ao longo de sua vida, da evolução do comportamento das famílias, de como os filhos se comportavam no passado como estão se comportando hoje ,enfim, permite refletir sobre as relações familiares. Este texto foi trabalhado junto com o tema da família.

.

3. Fundamentação teórica

3.1 Identidade

Ao longo de sua existência o homem assume várias identidades. Assim se pode atribuir à identidade uma qualidade dinâmica, já que, esta se encontra em constante processo de transformação. Hall (1990, p.222 apud Moita Lopes 2002 p.34) "ao invés de pensarmos sobre identidade como um fato já concluído, (...) devemos pensar sobre identidade como uma 'produção', que nunca está completa, que está sempre em processo (...)".

Segundo Bauman (2005, p. 45), o escritor Max Frisch, "definiu a identidade como a rejeição daquilo que os outros desejam que você seja". Nesse sentido, o indivíduo primeiramente trava uma espécie de luta interna, na busca de uma identidade que o liberte dos estigmas, e que o faça mais feliz. Num segundo momento, a disputa é de cunho social, na busca de oportunidades que lhe possibilitem (re)construir novas identidades.

Com relação a estas identidades almejadas, serão compostas ou refeitas, muito provavelmente sobre os restos de identidades assumidas no passado, que serviram por um determinado tempo, mas que em alguma fase da vida, passam a ser desinteressante. Estas identidades podem ter sido escolhidas ou impostas, dependendo da posição que o sujeito ocupe na sociedade. Neste caso, trata-se de um ator social que ainda pode fazer escolhas, senão sempre, pelo menos eventualmente.

No entanto, há uma parte da população, que foi deixada totalmente de fora e que não tem acesso ao "leque de ofertas", classificada por Bauman (2005) como "lixo humano" [1], ou

---

[1] Para Bauman, "Lixo humano" deve ser entendido como pessoas rejeitadas. Atualmente trata-se de um problema global.

ainda, numa sociedade dividida por classes denominada de ”sub-classe”, estes são os excluídos, os marginalizados. São pessoas que não têm voz, nem vez no mundo globalizado. Nesse sentido:

> Há um espaço ainda mais abjeto - um espaço abaixo do fundo. Nele caem (ou melhor, são empurradas) pessoas que têm negado o direito de reivindicar uma identidade distinta da classificação atribuída e imposta. Pessoas cuja súplica não será aceita e cujos protestos não serão ouvidos, ainda que pleiteiem a anulação do veredicto. São as pessoas recentemente denominadas de sub-classe: exiladas nas profundezas além dos limites da sociedade (BAUMAN, 2005, P. 45).

As pessoas que compõem a “sub-classe” formam um grupo heterogêneo, do qual fazem parte todos os anônimos, os esquecidos pela sociedade, os desempregados, os sem - teto, os mendigos, e também os catadores de lixo, público alvo desta pesquisa. Enfim, todos que por um motivo ou outro, são deixados e/ou lançados à margem da sociedade sem nenhuma chance de se rebelarem contra identidades que não lhes convém. Isto ocorre porque, estes indivíduos não têm identidade alguma, porque não participam da sociedade onde as identidades são construídas, refeitas, escolhidas ou rejeitadas. Como cidadãos[2], lhes é negado o direito de participarem dos grupos, das escolas, das associações de classe, enfim da vida social.

Como explica Bauman :

> O significado da “identidade da subclasse” é a ausência de identidade, a abolição ou negação da individualidade, do “rosto” – esse objeto do dever ético e da preocupação moral. Você é excluído do espaço social em que as identidades são buscadas, escolhidas, construídas, avaliadas, confirmadas ou refutadas”.
> A “subclasse” é um grupo heterogêneo de pessoas que – como diria Giorgio Amgaben – tiveram o seu “bios” (ou seja, a vida de um sujeito socialmente reconhecido) reduzido a “zoe” (a vida puramente animal, com todas as ramificações reconhecidamente humanas podadas ou anuladas).(BAUMAN, 2005, P. 46).

Podemos identificar essas mesmas impressões no extrato do texto de Vieira (2006)[3]:

> Estas pessoas existem, mas não são vistas, estão aos olhos de todos, no entanto, ninguém os vê, andam pelas ruas arrastando seus carrinhos, carregando suas tralhas, suas bagagens, dormindo embaixo de pontes, nas rodoviárias, vivendo como animais, mas ninguém os vê, estão por toda a parte, mas para a maioria de nós, não existem, estas pessoas são a nossa sombra, mas não queremos vê-los, sob pena de termos de nos envolver. E, afinal, quem tem tempo? Quem tem culpa? Quem se importa? Quem tem responsabilidade? Essas pessoas, que estão pelas ruas deixaram de ser apenas um problema das cidades, atualmente são um problema de esfera global. Mas parece que não é problema de ninguém (VIEIRA, 2006).

---

[2] Aqui trabalhamos com o conceito de cidadão de Boneti (2000 p.34) citado anteriormente. No entanto, essas pessoas embora não comportem os elementos e requisitos para a noção de cidadania ora explicitada, deveriam ter todos os direitos destinados às demais pessoas. Mesmo não se encaixando no perfil emoldurado pela moderna concepção de cidadão necessitam de oportunidades e ações sociais para que lhes seja concedida a chance de construírem sua identidade de acordo com aspirações mais amplas e satisfatórias.

[3]Excerto de palestra sobre Globalização e Exclusão proferida pela Professora de direito Maria Margareth Vieira na Fadisma (Faculdade de Direito de Santa Maria) em 23 de março de 2006.

A identidade consubstancia-se, por fim, naquela imagem, construção, idéia, que cada um tem de si, forjada pelo esforço próprio numa esfera de oportunidades que são oferecidas ao sujeito. É também a imagem que os demais têm sobre o indivíduo em razão de suas posses, de seu conhecimento, de sua maior ou menor integração social. A identidade é fruto, ainda, de toda a relação entre os atores sociais que, não apenas colaboram, mas decidem, definem o que os demais serão. Entender identidade, portanto, é entender as relações sociais também na esfera global.

3.2 Interface Identidade e Língua Estrangeira

Embora o indivíduo faça uso de outros espaços sociais na construção de seus significados, a sala de aula é um dos mais importantes deles, e em especial, a sala de aula de língua estrangeira. Segundo Moita Lopes (2002 p. 193): ”A sala de aula de línguas é essencialmente, um espaço onde se aprende língua para construir significados por meio de leitura, compreensão oral, fala e produção escrita”.

Dessa maneira, na sala de aula de línguas o aluno tem oportunidade de (re)construir sua identidade. Já que se torna capaz de erigir novos significados, isto lhe proporciona uma visão de si, dos outros e da sociedade globalizada na qual ele está inserido. E a maneira como isso acontece é de forma natural e espontânea, pois não foge ao desenvolvimento normal das atividades pertinentes à sala de aula de línguas.

Como bem disse Moita Lopes (2002), isso se dá através da leitura, da produção de textos e das atividades orais, as quais são recursos indispensáveis em qualquer aula de línguas estrangeira ou materna. Acrescenta-se a isso, a relação professor-aluno que acontece de maneira assimétrica, possibilitando que o professor, nesse caso, desempenhe um papel hierarquicamente superior ao aluno e passe desta maneira a ser um formador de opinião.

Outro fator relevante é como se dá a interação neste grupo de estudo, é preciso que o aluno reconheça no professor uma figura de autoridade e o respeite para efetivamente interagirem de maneira positiva. A autoridade a que me refiro é no sentido de o professor ocupar uma posição de facilitador, de condutor, do processo de aprendizagem, e que na sala de aula ocupa uma posição hierarquicamente superior a do aluno, pois a ele cabe a responsabilidade de ensinar o conteúdo programático, estimulando o aluno a pensar de forma crítica.

Nesse sentido, o professor pode ajudar o aluno nessa construção de novos significados, se for reconhecido como uma figura positiva.

Assim, a sala de aula de língua estrangeira pode favorecer para que o educando perceba o contexto social em que está inserido, e possa agir de acordo com a sua própria maneira de pensar, que vai sendo construída neste ambiente de aprendizagem e acrescida de suas experiências anteriores. Moita Lopes (2002) diz que, o que a sala de aula de línguas proporciona ao aluno é o mesmo que todos os indivíduos fazem como partícipes da sociedade, constroem significados.

E isso acontece porque na sala de aula de língua estrangeira, o professor não fala só de língua, ele pode utilizar inúmeros temas, que sejam favoráveis ao crescimento do grupo, fazendo com que os alunos reflitam, debatam, formulem hipóteses, enfim apontem possíveis soluções às problemáticas trazidas para a sala de aula. Para que este processo tenha sucesso, o professor deverá tomar o cuidado de escolher temas que pertençam ao universo de interesse dos seus alunos. Dessa forma, o ensino de língua estrangeira passa a ter um papel social extremamente importante, pois, também estimula o aluno a pensar. Nesse sentido, leciona Moita Lopes:

> De fato, a aula de línguas oferece uma possibilidade infinita de trazer conhecimentos outros para o foco de atenção, tendo, como fontes principais de orientação do professor, a adequação do aprendiz a esses conhecimentos e sua capacidade discursiva (MOITA LOPES, 2002, p.194).

Deve-se considerar ainda, que estes conhecimentos trazidos pelo professor refletirão suas vivências anteriores, o seu modo de pensar e a sua maneira de ver o mundo, estes fatos, muito provavelmente exercerão algum tipo de influência sobre seus alunos. Nesse sentido, as escolhas feitas pelo professor serão de acordo com aquilo que ele acredita, com a sua maneira de ver o mundo, com as suas crenças mais íntimas, com sua escala de valores, e com os seus preconceitos, Moita Lopes (2002).

4. Discussão e Resultados

Ao longo da pesquisa percebeu-se uma mudança significativa no comportamento da aluna Rosaura, que nas primeiras aulas se escondia, não aceitava falar. Segundo entrevista dada no final da pesquisa, relatou que não pretendia vir para a segunda aula, porque pensava que não tinha condições de aprender mais nada na vida. Com relação a sua vida pessoal, pensava apenas em viver para alimentar os filhos, era esta sua única meta de vida. Encontrava-se totalmente desmotivada, sem esperança, infeliz, uma mulher sem nenhuma perspectiva de vida, sem nenhum projeto de futuro, sem sonhos. Sua energia se concentrava apenas na sobrevivência, trabalhar para alimentar os filhos. Como permite inferir o seguinte

fragmento de sua entrevista: “Eu achava que pra mim não tinha mais chance pra nada... era só trabalhá i sustentá as criança i deu”.

À Rosaura foi negado o direito de fazer parte da vida social, lugar onde se buscam identidades, e uma vez não estando em um ambiente de interação social, não lhe eram oportunizados elementos para que pudesse compor ou ainda recompor sua identidade. Talvez este seja o motivo da revolta e da falta de vontade de dialogar de Rosaura. Comportamento salientado pelas pessoas que faziam parte do seu cotidiano.Segundo foi relatado em conversas informais, e confirmado pelas entrevistas realizadas conforme o exemplo a seguir: “não, não era muito dada ao diálogo...”, (...) ”dizia o que queria, virava as costas e ia embora”(agente de cultura). “Ela era briguenta, é briguenta, qualquer coisinha ela se esquentava”(irmã). “Essa neguinha não é fácil , qualqué coisa arma um barraco, eu chego a ficá com vergonha” (colega).

É consenso entre os entrevistados que houve uma mudança de comportamento na aluna estudo de caso. E isso, vem reforçar a idéia de que o espaço social da sala de aula de línguas permite ao aluno erigir novos significados (Moita Lopes,2003). Rosaura, uma vez tendo resgatado o espaço social da sala de aula, que lhe foi negado na infância, suavizou a maneira de se relacionar com os outros atores sociais conforme suas próprias palavras: “-A diferença é que eu tô mais mais inteligente, tô mais educada, mais calma, aí bem diferente de como eu era antes, eu não tinha paciência para nada.”

Acredita-se que isso tenha se dado em função dela sentir a possibilidade de rebelar-se contra uma identidade imposta (Bauman 2005). Pode-se inferir, que ela tem convicção do que sente, devido às afirmações que faz. As aulas de E/LE oferecem subsídios para que o aluno “use a linguagem a partir de suas marcas sócio-históricas”, de suas vivências para reconstruírem-se na interação com o grupo (Moita Lopes).

Nesse sentido, percebe-se ainda que Rosaura assume-se como “ser social” (Paulo Freire 1999), ela faz afirmações, baseada em reflexões e análises que fez de si mesma, num determinado tempo, comparou passado e presente e concluiu que estava se comportando de maneira diferente no espaço de convívio social. O encanto está no fato que embora ela não perceba, isto aconteceu porque ela avaliou e rejeitou um comportamento, negou o estigma que não lhe agradava e fez uma escolha (Bauman 2005), optou por um trato mais cordial na atuação social.

Convém mencionar também um estado de ânimo positivo, que foi se instalando no dia-a-dia da aluna, uma postura diferente perante a vida, com mais autoconfiança, com mais alegria. Essas impressões foram registradas em anotações que eram feitas por esta

pesquisadora ao final de cada aula. No dia 02/08/2005 a nota foi a seguinte: Rosaura tem prazer em responder os exercícios, não parece mais a mesma aluna que ficava se escondendo.

Em anotações do dia 16/08/2005, entre outras coisas está registrado que, nesta aula só veio uma aluna, Rosaura. O motivo foi que todos os alunos tiveram apresentação do coral na noite anterior. Rosaura também participou da apresentação, porém este motivo não foi forte o suficiente para fazê-la perder a aula de E/LE, o que nos faz acreditar que estas aulas eram muito importantes para ela, que lhe davam prazer, que ela sentia-se muito bem neste espaço de sala de aula de E/LE, espaço caracterizado por Moita Lopes (2002), como dos melhores na edificação de novos significados.

Nessa ocasião, fizemos uma retomada do assunto da última aula "A Família". Depois de desenvolvermos algumas atividades, a aluna pediu algumas explicações a respeito de algumas pronúncias diferentes da Espanha e Hispanoamérica. Contou que havia conversado com um vendedor ambulante que estava na praça vendendo bolsas, que ele era da Bolívia e que ela havia "arriscado" falar alguma coisa com ele e embora ele falasse muito rapidamente, ela entendia muita coisa.

Nesse comentário percebe-se como Rosaura foi se sentindo mais segura à medida que o tempo foi passando, tanto que se arriscou, fora do contexto de sala de aula, falou em língua espanhola com um falante nativo. O que chama atenção neste caso vai além do fato de Rosaura ter conseguido estabelecer comunicação na referida língua, com tão pouco tempo de curso, mas também, o quanto esta mulher negra catadora, que se encolhia para não ser vista nas primeiras semanas de aula, estava agora se mostrando, se comunicando (ou tentando se comunicar) em língua espanhola em plena praça da cidade.

E mesmo que Rosaura tenha dito poucas palavras em língua espanhola, a dimensão do encontro é muito maior do que parece, o que se vê aqui é que Rosaura estava interagindo na vida social.

Percebe-se através das entrevistas uma evolução no comportamento de Rosaura, a agente cultural, diz que: "- Com o passar do tempo a gente foi percebendo que ela foi se entregando(...)", fazendo alusão ao fato da aluna demonstrar um comportamento menos agressivo à medida que o tempo foi passando. Nesse sentido, acredita-se que Rosaura não foi se "entregando", e sim se integrando com as pessoas, interagindo com o grupo no qual ela se inseriu, e compartilhando experiências. Tais fatos levam-nos a inferir que isso contribuiu sobremaneira na reconstrução da sua identidade.

Assim, as aulas de E/LE tiveram sua parcela de contribuição para que Rosaura diminuísse seu ressentimento com uma sociedade que só lhe exigia trabalho e nada lhe propiciava de bom, produtivo ou prazeroso.

O ambiente de sala de aula de línguas é um dos espaços mais importantes na vida do indivíduo para construção de significados. Este convívio social, esta interação que favorece ao indivíduo construir uma visão do mundo, de si mesmo, e do papel que ele desenvolve neste mundo (Moita Lopes 2002), e isto deveria ser um direito de todos, no entanto muitos são os brasileiros que ficam de fora da sala de aula e isto se dá em função das precárias condições de vida que são realidade neste país.

Com relação à maneira com que Rosaura encarou as aulas de espanhol, pode-se perceber em seu depoimento que aprender E/LE era uma tarefa prazerosa para ela. Pode-se inferir que fora do contexto de sala de aula, ela praticava oralmente experiências de sala de aula de língua estrangeira. Conforme trecho da entrevista: "Eu posso brincá, eu gosto de brincá muito em espanhol, eu posso conversá também muita coisa. E vai me ajudá também nos meus estudos que eu tô continuando".

No decorrer do curso de espanhol para catadores, Rosaura foi se mostrando disposta a concentrar um grande esforço, no enfrentamento das adversidades impostas pela situação de exclusão social. No sentido de tentar reverter este quadro, e lutar para ter direito de "fazer escolhas" (Bauman 2005).

Pode-se inferir das entrevistas realizadas, que a opção de voltar a estudar[4] foi vista por ela como uma possibilidade de mudança de vida, e as aulas de espanhol funcionaram como uma espécie de processo desencadeador da mudança. Embora ela tivesse consciência de sua capacidade de aprender**,** não cogitava esta hipótese, pois se achava velha para voltar a uma sala de aula (conforme suas próprias palavras).

Também nesse mesmo sentido, ressalta-se o comentário da agente de cultura da prefeitura, que atribui às aulas de espanhol uma significativa responsabilidade pelo fato de duas das alunas, incluindo Rosaura, terem passado a freqüentar o EJA (Ensino para Jovens e Adultos).

Outro comentário que ilustra o fato de as aulas de espanhol poderem ter influenciado de maneira positiva na volta destas duas alunas ao ensino formal, fica evidenciado na entrevista da colega de aula da aluna. A colega de Rosaura se ressente de não se sentir em condições de também voltar ao ensino formal, julga inviabilizada esta

[4] A aluna Rosaura no decorrer do curso de espanhol passou a freqüentar o EJA. Ao término desta pesquisa só falta uma matéria para ela concluir o Ensino Fundamental.

possibilidade por ser a aluna mais velha[5] em sala de aula, e também por acreditar ter dificuldade de memorização em função da idade. Como podemos ver nesta parte da entrevista: "É, mas se eu fosse mais nova eu também ia voltá a estudá que nem as gurias, não vô agora, porque sô burra velha",

Nesta mesma oportunidade, esta aluna lastima o fato de seu filho também aluno do curso de espanhol para catadores, ter abandonado as aulas do referido curso em função do alcoolismo. Pode-se inferir deste trecho da entrevista, que segundo sua perspectiva de entendimento, estas aulas de espanhol, poderiam fazer uma espécie de ponte entre o aluno catador evadido da escola formal [6] há algum tempo e o retorno à mesma. "Eu eu sinto o fulano[7] tê largado o curso,quem sabe se, se ele não ia tê otro futuro. Mas ele me prometeu depois do tratamento ele vai voltá pro espanhol.

Quando ela diz: "quem sabe se, se ele não ia tê otro futuro" reforça uma idéia de que se possa melhorar as condições de vida do indivíduo através do estudo. Talvez o futuro a que ela esteja se referindo tenha a ver com o ensino formal, com seguir o exemplo de Rosaura. Com conquistar uma vida mais digna, e a dignidade passa pela liberdade, liberdade para assumir-se como ser pensante (Paulo Freire, 1999), e liberdade de escolher identidades (Bauman, 2005). E assim, recorro novamente a Moita Lopes (2005), para enfatizar que o espaço destinado as aulas de língua, e neste caso específico de E/LE podem contribuir na (re)construção de identidades dos alunos catadores.

Outro ponto interessante que deve ser abordado é a questão da relação de confiança e respeito que deve se estabelecer em sala de aula de línguas. O professor deve criar um ambiente favorável à interação, à troca de experiências, para que o aluno possa se utilizar deste espaço em seu crescimento interior. Fazendo da sala de aula de línguas um local que seja favorável na edificação de novos significados (Moita Lopes, 2002). Existe uma relação assimétrica entre os dois lados, pois ao professor cabe a tarefa de facilitar ao aluno o aprendizado de língua estrangeira, e neste caso específico, também oferecer os subsídios necessários que contribuam com o aluno em sua (re)construção da identidade.

Fica evidenciado, ainda, no final da entrevista de Rosaura, quando ela diz: "agora eu me sinto gente" que ela agora tem rosto, tem identidade (Bauman 2005). Que ela está se

---

[5] Esta aluna quando começou o a freqüentar as aulas de espanhol língua estrangeira estava com 60 anos, dado obtido no questionário realizado no primeiro dia do curso de espanhol para catadores.

[6] Gostaria de esclarecer que este não é um caso somente de evasão escolar, pois estas pessoas são o chamado "lixo humano" para Bauman (2005), são pessoas que tiveram inúmeras dificuldades na vida e por tanto vários são os motivos pelos quais largaram a escola quando criança.O aluno ao qual a mãe se refere largou o estudo em função do envolvimento com drogas por volta dos oito anos de idade.

[7] Refere-se ao filho que iniciou o curso de espanhol para catadores, porém desistiu em função do alcoolismo, atualmente ele está em tratamento no Hospital Universitário de Santa Maria.

assumindo como ser humano que é, e demonstrando uma postura diversa da que apresentava no início do curso de E/LE.

Embora saibamos que não é fácil para estas pessoas excluídas ou em via de exclusão social, enfrentarem as inúmeras adversidades que se apresentam em seu cotidiano na construção de uma identidade, na busca de uma identidade mais interessante, ou ainda, na reconstrução de identidades fragmentadas, percebe-se em Rosaura, um posicionamento diferente em relação à vida. Reconhecemos neste depoimento uma pessoa otimista, esperançosa, determinada, que está lutando para fazer escolhas, que se julga capaz, com direito a um espaço na sociedade.

> Ana: -. E tu vês o mundo de uma maneira diferente hoje?
> Rosaura: - Ah hoje eu vejo, eu vejo que vale a pena vivê, Antes eu achava que não valia pena vivê muito, a não sê os meus filhos, se não fosse eles... Hoje não, hoje eu vejo que eu mereço vivê também.
> Ana; - Isso porque agora tu tens perspectivas?
> Rosaura: -É porque eu me tornei uma pessoa mais diferente daquela que eu era antes, hoje com mais chance de vencê na vida.

Pode-se inferir pela reiteração da palavra "hoje", que Rosaura faz uma distinção muito clara do antes e do hoje, já que agora tudo mudou, ela se sente fazendo parte do mundo. Acredita que, como outros atores sociais, também tem um lugar no mundo social. Tem consciência que tem também direito de viver e de viver **"**muito**",** viver por bastante tempo, e, viver intensamente, plenamente, explorando a sua individualidade (Bauman 2005).

Rosaura não existe mais apenas como mãe, provedora do sustento dos filhos, agora existe um espaço para suas vivências particulares, próprias de mulher, de ser individual. Mesmo porque, agora ela tem esperança, precisa de tempo para realizar sonhos. Nesta distinção cronológica feita por Rosaura, entre hoje e o passado, também se percebe uma mulher mais jovem, que deixou para trás o preconceito imposto a si mesma, não se considera velha para estudar agora, "hoje eu sei que tenho capacidade, que eu posso e que eu vô a luta" "Eu espero sê alguém na vida. Não sei o que ainda, mas eu quero chega lá. Eu vô chega lá", esta aluna está se sentindo capaz, está num processo de co-construção de si mesma, está refazendo sua identidade.

Como bem disse a agente cultural, referindo-se a influência das aulas de espanhol, na questão objetiva de duas das alunas terem voltado a estudar: "foi uma porta que se abriu e elas entraram". Esta "porta que se abriu", acredita-se, teve uma dimensão maior, pois estas aulas tiveram uma importância também subjetiva, na medida em que propiciaram um espaço onde os alunos não trataram exclusivamente de língua estrangeira. Aos alunos foi oferecido um lugar onde se primou por, através do ensino de língua estrangeira espanhol, trabalhar textos instigantes, que permitiram ao aluno pensar, emitir opiniões, interagir e compartilhar

vivências (Moita Lopes 2003). Todos estes elementos são indispensáveis na construção e ou reconstrução de identidades libertadoras.

Embora poucos alunos tenham freqüentado o curso de E/LE até o final do ano de 2005, essas aulas foram positivas no intento a que se propuseram, na busca de contribuir na edificação de significados utilizando o espaço da sala de aula de línguas (Moita Lopes 2002), nesse caso especial E/LE. O aluno que perseverou o fez por sentir-se motivado, por estar interagindo com outros atores sociais, por sentir-se fazendo parte do contexto social, enquanto aprendia E/LE.

5. Conclusão

Conforme já referido anteriormente, o ambiente de sala de aula de línguas é um dos espaços mais importantes na vida do indivíduo para construção de significados. Este convívio social é que promove a interação e favorece ao indivíduo construir uma visão do mundo, de si mesmo, e do papel que ele desenvolve neste mundo (Moita Lopes 2002).

Este, que deveria ser um direito de todos, é, no entanto, muito restrito, pois muitos são os brasileiros que ficam de fora da sala de aula. Isto ocorre em função das precárias condições de vida que fazem parte da realidade neste país, aliadas às questões decorrentes da globalização, do neoliberalismo, do excesso de valores atribuídos ao consumo, com uma diminuição da importância às questões sociais e humanitárias.

Saliente-se o histórico, explorado ao longo da pesquisa, sobre o comportamento habitual de Rosaura, uma certa agressividade, respostas grosseiras, desmotivação diante da vida, de suas possibilidades, descrença em seu futuro pessoal e somente uma certeza: tinha que trabalhar, conforme suas próprias palavras "- *Eu achava que pra min não tinha mais chance pra nada... era só trabalhá i sustentá as criança i deu*". Pois afinal, a única fatia de participação social que lhe cabia, era o papel de provedora das necessidades de seus filhos.

As entrevistas comprovam essas afirmações e reforçam a idéia de que o mundo da aluna estudo de caso restringia-se de tal forma que impedia sua capacidade criativa e a (re)construção de sua identidade. No entanto, com sua participação nas aulas de E/LE, houve uma mudança de postura -"*hoje não , aonde a gente vai mudô completamente, começando pela parte dos estudos, já é outra diferença*". E um redimensionamento no seu modo de perceber o mundo, a ela mesma, bem como o seu papel na sociedade.

Houve uma radical mudança de comportamento, um renascer de esperanças que pode ser comprovado através da leitura de sua entrevista, de onde se retira o seguinte excerto "- *Áh*

hoje eu vejo, eu vejo que vale a pena vivê, Antes eu achava que não valia pena vivê muito, a não sê os meus filhos, se não fosse eles. Hoje não, hoje eu vejo que eu mereço vive também".

Na sala de aula de E/LE, através da oferta de opções de textos, de música, da troca de vivências e experiências, de informações sobre a cultura dos países hispânicos e do uso da língua espanhola em todas essas atividades, despertando no estudante o reconhecimento de suas possibilidades, a descoberta de seu potencial e a beleza da interação cultural, é possível reconstruir identidades fragmentadas, e erigir novos significados, como foi o caso da aluna Rosaura, que saiu de uma sub-condição e alcançou um novo patamar de significados para sua vida.

As pessoas podem fazer opções quando lhe são oferecidas algumas oportunidades, e a construção de sua identidade se vai edificando de acordo com o que possa ser colhido, incorporado para si, diante das ofertas. Para os muito pobres, chamados por Bauman de subclasse, ou lixo humano (mais chocante, não se sabe, se menos verdadeiro), são muito raras as oportunidades, sua construção se dá de forma precária e o ser humano, muitas vezes, descaracteriza-se como tal, aproximando-se dos animais.

A sociedade, porém, isenta-se da responsabilidade com o grupo social excluído, mas a despeito dessa omissão é de extrema importância que as autoridades competentes assumam o papel de gestor de políticas públicas adequadas a resgatar a dignidade dessa camada da população, e uma das esferas de atuação mais importantes é a educação, dentro dela o ensino da língua espanhola como língua estrangeira.

Nessa pesquisa demonstrou-se que o ensino de E/LE foi um marco motivacional na vida da aluna Rosaura, a ponto de auxiliá-la na reconstrução de sua identidade e alçá-la a uma condição de ser humano consciente de suas potencialidades, refazendo seus projetos, reconstruindo planos e especialmente concretizando sonhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. **Identidade:** Entrevista a Benedetto Vecchi**.**Tradução: Carlos Medeiros.Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BAUMAN, Z. **Globalização:** As conseqüências humanas.Tradução: Marcus Penchel.Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BONETI, L.W. (coord.). **Educação, Exclusão e Cidadania**. Ijuí: Unijuí, 2000.

GOODE, W. J. & HATT, P. K. **Métodos em Pesquisa Social**. 3 ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades Fragmentadas:** a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**.**Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Discursos de Identidades:** discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

RODRIGUES, R. L. DE A. A arte de construir um menino ao contar histórias em família. In MOITA LOPES, L. P. (org.). **Discursos de Identidades:** discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

RORATTO, J. M**. A formação profissional para área de inteligência:** o papel da ética. 2005. 151f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2005.

VIEIRA, M.M. **A Globalização e as Relações de Trabalho:** A Lei de Contrato a Prazo no Brasil como Instrumento de Combate ao Desemprego. 2 ed.Curitiba:Juruá, 2005.